



PRINCÍPIOS DE GUERRA. SUA VALIDADE E APLICAÇÕES NA GUERRA MODERNA

Carlos Tabajara da Costa Toriño

"A arte da guerra é de importância vital para o Estado. É uma questão de vida ou morte, um caminho tanto para a segurança como para a ruína. Assim, em nenhuma circunstância deve ser negligenciada."

Sun tzu

Extraído de monografia produzida como exigência curricular para a obtenção de diploma do Curso de Comando e Estado-Maior do Exército. Após uma análise dedutiva de como se estabeleceram os Princípios de Guerra, componentes essenciais da Arte Militar, o autor examina esses princípios, tais como se apresentam para as Forças Terrestres Brasileiras, identifica comparativamente quais os adotados por algumas das maiores potências militares contemporâneas e analisa seu emprego na "Guerra dos Seis Dias", enfatizando sua validade e importância, bem como o risco que assume o Comandante Militar que negligencia sua aplicação.

INTRODUÇÃO

A arte da guerra existiu em todos os tempos, e a estratégia, sobretudo, foi a mesma, tanto sob César, quanto sob Napoleão. A guerra é, em conjunto, não uma Ciência, mas

uma Arte. Se a estratégia, entendida como arte de preparar e aplicar o Poder para alcançar e manter os objetivos fixados pela Política, pode ser submetida a máximas dogmáticas que se assemelham aos axiomas das ciências positivas, o mesmo não

é verdadeiro para a guerra vista como um conjunto. Entre outras coisas, os combates escapação, muitas vezes, a todas as combinações científicas e podem apresentar-se como atos essencialmente dramáticos, em que as qualidades pessoais, as inspirações morais e uma série enorme de fatores são os elementos decisivos. As paixões que agitam as massas, que são levadas a se enfrentarem, as qualidades guerreiras desses grupos, a energia e o talento de seus comandantes, o espírito mais ou menos marcial de nações e épocas, tudo o que pode ser chamado de poesia e metafísica da guerra terá uma permanente influência nos seus resultados.

A guerra moderna, que exige a aplicação dos novos desenvolvimentos tecnológicos, que podem mudar radicalmente a natureza do campo de batalha, envolve, como Arte Bélica, a crítica análise histórica das operações de guerra.

Desta análise, o profissional militar deduz os princípios fundamentais, suas combinações e aplicações que têm produzido êxito nos campos de batalha da história. Os princípios de guerra são uma parte da Arte Bélica, quando assim deduzidos. Eles não são imutáveis e casuais, nem proporcionam uma fórmula matemática precisa para o sucesso no combate. Seu valor reside na sua utilidade como ponto de referências para a análise de problemas estratégicos e tá-

ticos. São mais aplicáveis à estratégia operacional, às operações e táticas do que aos aspectos técnicos, logísticos e sociais da guerra. São a trama básica da teoria operacional. Em qualquer situação particular eles têm existido sob um equilíbrio dinâmico, muitíssimo dependente das condições objetivas que definem aquela situação.

Para o estudioso da guerra, os princípios fornecem um conjunto de conceitos de acordo com o qual examinam-se acontecimentos passados.

Recorrendo à História como pano de fundo contra o qual serão lançados os princípios que, a seguir, serão enunciados, verificamos que o legado militar fundamental contemporâneo, de um modo geral, origina-se das guerras napoleônicas. Mais precisamente, emanou dos escritos de dois homens sobre as campanhas napoleônicas. Foram eles o General Antoine Henri Jomini e o Major-General Karl von Clausewitz.

Desde que esses dois eminentes historiadores militares apresentaram suas conclusões acerca das operações de Napoleão, a história do combate tem apresentado alguns discernimentos adicionais, os quais são bastante relevantes para a reconsideração sobre os princípios de guerra hoje em dia. Um destes é a constatação de que, correntemente mais freqüência, o resultado do combate desafia a proporção de forças inexistentes no início da batalha. O lado que se

encontra inicialmente inferiorizado, não está fadado ao fracasso. O estudo do motivo pelo qual isso acontece desencadeia a revisão de alguns pontos de vista com relação aos princípios de guerra.

Neste trabalho procuraremos, sem faltar às verdades úteis da herança napoleônica, apresentar os princípios de guerra adotados pelo Exército Brasileiro, sua confrontação com os vigentes em alguns países, bem como sua validade e aplicação na guerra moderna, abordando, particularmente, a "Guerra dos Seis Dias", uma das mais rápidas e decisivas vitórias que o mundo já presenciou.

Naqueles seis dias de junho de 1967, Israel desencadeou uma campanha relâmpago e conseguiu ampliar as suas fronteiras num esforço vitorioso de desafio.

No contexto desta guerra, a Campanha do Sinai mostrou a primeira ação das novas forças israelenses ao mundo, atuando como um todo harmônico, combinando perfeitamente as ações de infantaria, carros, artilharia e aviação, a par de grande energia, determinação e de um espírito altamente ofensivo.

OS PRINCÍPIOS DE GUERRA EM VIGOR

Os princípios de guerra são definidos como o conjunto de preceitos considerados essenciais ao sucesso da guerra, tanto do ponto de vista tático como estratégico. Defini-los é tarefa

relativamente fácil. Colocá-los em execução é outra coisa. Os nove princípios preconizados são: objetivo, ofensiva, simplicidade, unidade de comando, massa, economia de força, manobra, surpresa e segurança.

Vejamos, cada um, de per si.

Princípio do Objetivo

Toda a operação militar deve ser dirigida para um objetivo claramente definido, decisivo e atingível. O objetivo militar final da guerra é a destruição do poder de combate das Forças Armadas do inimigo. O objetivo de cada operação deve contribuir para este objetivo final. Cada objetivo intermediário deve ser tal que sua conquista permita atingir mais direta, rápida e economicamente as finalidades da operação. A seleção de um objetivo baseia-se na consideração da missão, dos meios disponíveis, do inimigo e da área de operações. O comandante deve compreender e definir claramente seus objetivos, bem como apreciar, à luz destes, cada ação a realizar. O princípio do objetivo é aplicável em todos os escalões de comando.

Princípio da Ofensiva

A ação ofensiva é necessária para se obter resultados decisivos, bem como para manter a liberdade de ação. Ela permite ao comandante tomar a iniciativa e impor a sua vontade ao inimigo; estabelecer o ritmo e determinar o curso de combate; explorar a fraqueza inimiga e as

situações que evoluam rapidamente; fazer face a situações inesperadas. A defensiva pode ser imposta, mas só deverá ser adotada, deliberadamente, por um comandante, como expediente temporário, enquanto aguarda uma oportunidade para a ação ofensiva ou com o fim de economizar forças em uma parte da frente onde não se procura a decisão. Mesmo na defensiva, o comandante deverá procurar todas as oportunidades para obter resultados decisivos pela ação ofensiva. Uma defesa ativa, dirigida com o espírito da ofensiva, conserva o inimigo desequilibrado, restringe sua habilidade de atacar e fortalece a segurança. Ao aderir ao princípio da defensiva, o comandante ajusta o passo e determina o curso do combate, explora as fraquezas do adversário e fica melhor preparado para tirar partido de situações inesperadas.

Princípio da Massa

O máximo poder de combate deve ser aplicado no momento e local oportunos para alcançar um resultado decisivo. Sendo o poder de combate o total de meios físicos e morais disponíveis a um comandante, será função da quantidade, qualidade e estado da moral. A aplicação apropriada do princípio da massa, em conjugação com outros princípios de guerra, pode permitir que forças numericamente inferiores obtenham superioridade decisiva no combate.

Princípio da Economia de Força

Um mínimo de meios compatíveis deve ser empregado em todos os pontos que não sejam o do esforço. Este princípio é um corolário do princípio da massa, pois é um método de obtenção dessa massa. Ele não implica na economia excessiva, mas na distribuição sensata do poder de combate disponível, entre a missão principal e as secundárias. Os ataques limitados, a defensiva, a dissimulação, ou ainda, os movimentos retrógrados, são empregados em regiões secundárias para se conseguir a massa em outras regiões, onde se procura a decisão. Inerente aos princípios da massa e da economia de força é a idéia de que todos os recursos disponíveis devem ser empregados da maneira mais eficiente e efetiva.

Princípio da Manobra

O princípio da manobra consiste em deslocar e posicionar as forças militares de modo que favoreçam a realização da missão. A manobra é um componente essencial do poder de combate. Contribui para o aproveitamento do êxito, para a preservação da liberdade de ação, bem como para reduzir a vulnerabilidade da força. Sua finalidade é dispor os meios de tal maneira que coloque o inimigo em desvantagem relativa e, assim, atingir os resultados que, de outra forma, seriam mais custosos em homens e material.

O sucesso da manobra exige flexibilidade de organização, apoio administrativo, comando e controle. Em muitas situações, o princípio da manobra pode ser aplicado apenas em conjunção com o emprego eficiente do poder de fogo.

Princípio da Unidade de Comando

A aplicação decisiva de todo o poder de combate exige, para cada objetivo, unidade de esforços sob as ordens de um comandante responsável. A unidade de esforços, ao exigir que todos os elementos de uma força trabalhem harmoniosamente rumo a uma meta comum, implica no desenvolvimento e condeção do poder total de combate das forças disponíveis. A cooperação, além disso, contribui para uma unidade de esforço, porém, somente quando um simples indivíduo é responsável pelas atividades de um grupo é que este pode operar no máximo de sua eficiência para atingir uma meta desejada.

A guerra de coalizão cria um desafio para o princípio da unidade de comando devido à relutância dos grupos em posicionar seus recursos sob o controle de um comandante de um dos outros grupos de coalizão.

Princípio da Segurança

A segurança é essencial à preservação do poder de combate. Consiste nas medidas necessárias para evitar a surpresa, a observação, a sabotagem, a

espionagem e a inquietação e assegurar a liberdade de ação do comandante. É a condição que resulta do estabelecimento e da manutenção de medidas de proteção que assegurem um alto grau de inviolabilidade contra influências ou atos hostis. Uma vez que o risco é inerente à guerra, a observância do princípio da segurança não implica em precaução exagerada e nem em evitar o risco calculado. Frequentemente, a segurança é ampliada pela audaciosa conquista e manutenção da iniciativa, a qual reduz a capacidade de intervenção do inimigo.

Princípio da Surpresa

A surpresa é a arma mais eficiente e poderosa na guerra, e pode mudar decisivamente o equilíbrio do poder de combate. Permite obter o êxito em desproporção ao esforço despendido. Consiste em golpear o inimigo onde, quando, ou de uma forma para a qual ele não esteja preparado. Não é essencial que o inimigo seja apanhado desprevenido, bastando que ele somente perceba a situação tarde demais para reagir com eficiência. Pode-se obter a surpresa empregando-se a velocidade, a dissimulação, a aplicação de um poder de combate inesperado, a informação e a contra-informação eficientes, que incluem a segurança eletrônica e das comunicações a par da variação na tática e nos processos para a conduta das operações.

Princípio da Simplicidade

Em todas as comunicações, o comandante deve fazer todo o esforço racional para eliminar a mais tênue oportunidade de má-compreensão; a simplicidade contribui para este fim. Os planos diretos e simples e as ordens claras e concisas diminuem a incompreensão e a confusão. Não implica em dizer que

informações precisas, pormenorizadas e indispensáveis devam ser negadas àqueles que delas necessitam para operar com eficácia.

Confrontando os princípios de guerra adotados pelo nosso Exército, como acabamos de ver, com os de outros países, conforme apresentados no Quadro A, verificamos que a maior

QUADRO A
COMPARAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DE GUERRA
USADOS POR ALGUNS PAÍSES

Estados Unidos (Exército)	Grã-Bretanha e Austrália	União Soviética	França	República Popular da China
Objetivo	Seleção e manutenção da meta	Avanço e concentração		Mobilização política
Ofensiva	Ação ofensiva	Ofensiva		Seleção e manutenção da meta
Massa	Concentração de força	Concentração		Ação ofensiva
Economia de força	Economia de esforços	Economia de força	Concentração de esforços	Concentração de força
Manobra	Flexibilidade	Manobra e iniciativa		Iniciativa ou flexibilidade
Unidade de comando	Cooperação	Armas combinadas		Coordenação
Segurança	Segurança	Reservas adequadas	Surpresa	Segurança
Surpresa	Surpresa	Surpresa e dissimulação		Surpresa
Simplicidade	Manutenção da Moral	Moral	Liberdade de ação	Moral
	Administração	Aniquilamento		Liberdade de ação
				Mobilidade

parte das nações tem sua relação própria de princípios preferidos.

É bastante significativo que os únicos princípios comuns à Inglaterra, aos Estados Unidos, à União Soviética, à China e à França, sejam os da Massa e da Surpresa. Deduz-se, portanto, que quanto maior a massa e a surpresa, maior a possibilidade de êxito.

A GUERRA DOS SEIS DIAS

Ofensiva Aérea

Às 7h 45min do dia 5 de ju-

nho de 1967, os aviões israelenses decolaram a intervalos cuidadosamente cronometrados, em esquadrilhas de quatro, voando aos pares, utilizando várias rotas, a altitudes extremamente baixas. Alguns sobrevoando o Mediterrâneo até a oeste de Alexandria, onde rebatiam para leste rumo aos seus objetivos situados ao redor do Cairo, no Canal e no Sinai; outros atravessando diretamente a fronteira para atacar as bases localizadas no Egito superior, conforme Mapa 1.

ROTAS DE ATAQUE AÉREO DA FORÇA AÉREA DE ISRAEL em 05 Jun 1967



Tal estratagema, que teve pleno êxito, tinha em mira fugir à vigilância dos radares egípcios, bem como aos dos navios russos ancorados na área e aos da 6ª Frota norte-americana.

O 1º ataque aéreo foi dirigido contra dez aeroportos e tinha como objetivos principais tornar as pistas inutilizáveis e destruir tantos MIGS-21 quanto fosse possível, pois esses eram os únicos aviões egípcios que poderiam evitar que a aviação israelense corresse de êxito seu grande objetivo, que era a destruição da força egípcia de bombardeiros de longo alcance, que tanto ameaçava a população civil de Israel.

Esta ação inicial fulminante, levada a efeito pelos israelenses, denota claramente a obediência ou aplicação dos princípios da ofensiva, pela tomada da iniciativa e tentativa de impor sua vontade ao inimigo; do objetivo, ataque aos aeroportos; da surpresa, através da destruição das aeronaves egípcias em pleno solo; da segurança, impedindo que a força aérea egípcia pudesse atingir o território de Israel.

Quando a primeira leva de aviões israelenses atingia os seus alvos, a segunda já estava a caminho e a terceira acabava de levantar vôo. As partidas eram feitas com 10 minutos de intervalo, o que demonstra a aplicação no princípio da massa.

O estratagema utilizado e a incrível rapidez com que a operação foi realizada deu, como

resultado, uma completa surpresa e conseqüente destruição dos aviões e radares egípcios.

Durante oitenta minutos, sem trégua, a Força Aérea israelense castigou os aeroportos egípcios, seguindo-se, após 10 minutos de intervalo, mais oitenta minutos de ataques. Assim, em apenas duas horas e cinquenta minutos, os israelenses destruíram o potencial ofensivo da aviação egípcia, arrastando-a como força de combate.

Ao todo, dezenove aeroportos egípcios foram atingidos no primeiro dia de guerra. Calcula-se que tenham sido destruídos de 300 a 340 aviões de combate egípcios, inclusive 30 bombardeiros TU-16 de longo alcance.

Para defender Israel e suas bases, a Força Aérea israelense só deixara doze aviões; oito voando em cobertura e quatro em alerta na extremidade da pista. Este risco calculado evidencia o princípio da economia de forças, que beneficiou a massa das incursões aéreas sobre o território egípcio.

Sintetizando, a ofensiva aérea desencadeada por Israel, nos primeiros dois dias de guerra, totalizou mais de mil incursões, sendo que alguns pilotos participaram de oito por dia, conseguindo destruir 416 aviões, dos quais 393 em terra.

As perdas de Israel, no fim do segundo dia, subiam a 26 aviões e mais 21 pilotos, dos quais cerca da metade foi feita prisioneira pela Síria ou pelo Egito.

De todos os princípios de guerra evidenciados nesta ofensiva aérea, o que mais se destaca, por ter apanhado o inimigo em situação de quase que completa inação, é o da surpresa, secundado pelo da massa.

Operações Terrestres no Sinai

Na noite de 4 para 5 de junho, as forças de Israel se deslocam.

O plano de ataque visava a desbaratar o dispositivo defensivo egípcio, que foi estabeleci-

do à base de trincheiras contínuas, sucessivas e ligadas em profundidade por sapas, segundo as normas regulamentares soviéticas.

Devido ao enorme espaço a defender, e à natureza do terreno, os egípcios constituíram dois núcleos principais: um ao norte, no corredor de Gaza-Rafah-El Arish que se estende ao longo do mar, onde foram escalonadas em profundidade duas divisões; outro, ao sul, onde uma outra divisão foi articulada em torno de Abu Agheila, conforme Mapa 2.

OPERAÇÕES NO SINAI



Entre esses dois se estende um vasto espaço vazio, ou quase, considerado como intransponível, pois é uma região de dunas a se perder de vista.

A manobra israelense repousava na idéia de utilizar o corredor de dunas, no qual existe um fundo de ravina relativamente carroçável, para, por aí, introduzir a cunha de uma divisão entre os dois núcleos egípcios e tomar de flanco toda a defesa, conquistando El Arish.

Esta concepção tática evidenciava a aplicação do princípio da surpresa, atacando os egípcios no local onde não estavam preparados e por onde não admitiam que um ataque pudesse ser realizado.

Ao norte, onde as defesas egípcias não possuíam nenhum dispositivo face à região das dunas, as trincheiras seriam tomadas de enfiada, quando se desembocasse do sul.

Contra o núcleo de Abu Agheila, que não poderia ser facilmente desbordado, o ataque seria frontal e estaria a cargo de uma terceira divisão. Como não se esperava contar, pelo menos inicialmente, com o apoio aéreo, a artilharia inimiga seria neutralizada pela descida de pára-quedistas sobre as posições de bateria.

Ressaltavam, neste plano, para conquistar Abu Agheila, os princípios da massa, caracterizado pelo ataque frontal e os da manobra e surpresa, resultantes do assalto de elementos pára-quedistas.

O fator tempo era vital para os israelenses que estavam apavorados face à perspectiva de um cessar-fogo prematuro. Toda a manobra fora concebida na suposição de que o tempo disponível era curto e que a vitória israelense teria que ser a mais rápida e decisiva possível.

O plano era ousado; porém, os israelenses possuíam uma idéia precisa do inimigo e da sua capacidade.

Às 8h 15min da manhã de 2ª-feira, 5 de junho, meia hora após o início do ataque aéreo, as tropas terrestres israelenses atacaram.

Os egípcios, mesmo desbordados, resistiram, inicialmente, em suas trincheiras, que tiveram de ser metodicamente reduzidas e limpas.

Às 10h 35min, a Força Aérea do Egito fora destruída, não mais constituindo uma força de combate ativa, capaz de dar cobertura ou apoio ao seu exército no Sinai. Ao contrário, a FAe israelense, vitoriosa no cumprimento de sua missão principal, pôde voltar-se também para o apoio aos ataques terrestres, que passaram a atuar usufruindo de completa segurança face à FAe inimiga.

Em fim da jornada El Arish caiu. Abu Agheila era o segundo ponto de irrupção escolhido pelos israelenses, pois bloqueava a principal linha de avanço das forças israelenses para a parte central da Península do Sinai.

Às 9 horas da manhã, desse dia 5, a 1ª Brigada Blindada

atravessou a fronteira e avançou rumo a Abu Agheila, transpondo e arrasando, por volta das 12 horas, as posições de vanguarda da 2ª Divisão egípcia, destruindo vários carros.

No 2º escalão marchavam seis Regimentos de Artilharia israelense, com toda sua munição, num enorme comboio.

À retaguarda da 1ª Bda Bld foi deslocada uma Brigada de Infantaria que, ao anoitecer, tomou dispositivo para atacar o flanco norte dos egípcios.

Este conjunto de ações desencadeadas para romper o dispositivo inimigo em Abu Agheila enfatizou a aplicação, pelos israelenses, dos princípios da massa e da manobra.

Entrementes, um destacamento, composto de regimento de carros, engenharia e morteiros pesados, avançava por uma via de acesso mais ao norte, a fim de ultrapassar as posições egípcias e bloqueá-las pela retaguarda. Por volta das 15 horas, essa força deparou com uma resistência egípcia de valor batalhão, a noroeste de Abu Agheila. Seguiu-se um pesado combate: o ataque israelense foi repellido com perda de sete carros. O apoio da FAe, solicitado pelos Cmt israelenses, não foi possível devido a uma tempestade de areia que reduzia a visibilidade.

Contudo, pouco depois das 15h 30min, os israelenses voltaram a atacar e acabaram tomando a posição. Avançaram e bloquearam a estrada que liga

El Arish a Abu Agheila. Depois que anoiteceu, seguiram em direção sudeste, até a junção da estrada de Jebel Libni, que também bloquearam. Lá, foram ressupridos e aguardaram ordens para avançar pela estrada de Abu Agheila e atacar os egípcios pela retaguarda.

Um segundo destacamento, composto de carros de combate, jipes e morteiros, foi também enviado na direção da estrada que liga Kusseima e Abu Agheila, o qual ocupou posição após anoitecer.

Dessa maneira, os israelenses tinham cortado todas as linhas egípcias de reforço – de Kusseima, de El Arish e de Jebel Libni, bem como todas as linhas de retirada de Abu Agheila.

Nesta operação de cerco pelo Exército de Israel estão realçados os seguintes princípios:

- do objetivo – pela clara definição das regiões que impediam o inimigo manobrar, ou ser reforçado e escapar do cerco;
- da economia de força – pela composição de destacamentos adequados para a conquista e manutenção dos objetivos de cerco;
- da manobra – pela disposição de suas forças, de modo a colocar os egípcios em posição desfavorável;
- da surpresa – pela conquista dos objetivos antes

que o inimigo pudesse reagir com eficiência.

Às 21h 45min as tropas israelenses estavam prontas para o golpe da misericórdia. Apesar do GQ do Comando Meridional haver sugerido que se adiasse o ataque até o dia seguinte, quando se poderia contar com o apoio aéreo, às 22h 45min foi desencadeado o ataque geral e, por volta das três horas da madrugada do dia 6, Abu Agheila caiu, tendo início a operação de limpeza, que se prolongou até às 6 da manhã. A Divisão Norte havia atingido, nesta noite, o Canal de Suez em El Kantara.

Tendo rompido a frente e se apossado de Rafah, El Arish e Abu Agheila, os israelenses estavam atrás do grosso do Exército egípcio e com duas portas abertas para o coração do Sinai.

A 2ª Brigada Blindada (do centro), investiu para sudoeste e aferrou a 3ª Divisão egípcia no Jebel Libni, a qual havia sido paralisada e grandemente afetada em seu poder combativo pelos ataques aéreos sofridos.

Nessa mesma noite, de 6 para 7, um batalhão pára-quedista foi lançado no desfiladeiro de Mitla, para cortar a retirada das duas outras divisões blindadas egípcias e, às 6 horas da manhã do dia 7, a 2ª Brigada fez o contato com esse Batalhão.

Estava tudo pronto para o cerco final e destruição do Exército egípcio no Sinai.

Os israelenses, realizando a exploração final, se lançam até

o Canal de Suez, que só haviam atingido no norte, na região de El Kantara.

No dia 9 eles já mantinham toda a margem leste do canal, cortando, dessa maneira, a estrada que margeia o Golfo de Suez, e conduz a Sharm-El-Sheik. A guarnição egípcia dessa praça de guerra, que recebera ordem de retraimento, deixou-a sem oferecer combate e a posição foi ocupada por um pequeno "comando" da Marinha, logo reforçado pelo ar.

A concretização do cerco, com a manutenção da margem leste do Canal, que cortou as possibilidades de retraimento dos egípcios, foi uma concepção tática-estratégica que obedeceu aos princípios da guerra:

- da unidade de comando – pois o Ministro da Defesa, General Moshe Dayan, sempre presente no TO, comandou e coordenou pessoalmente as operações;
- do objetivo – pelo direcionamento dos esforços para uma meta claramente definida, decisiva e atingível, apossando-se de regiões cruciais, que impediram o retraimento egípcio;
- da ofensiva – pois Israel tomou, conservou e explorou a iniciativa em todas as fases da operação;
- da manobra – pela ação do batalhão pára-quedista, lançado no desfiladeiro

de Mitla, cortando a possibilidade de retirada pelos egípcios;

- da segurança – resultante da atuação da FAe israelense que manteve a superioridade aérea em todas as fases da operação;
- da surpresa – pela velocidade e variação nos métodos de operação, incluindo ataque noturno, que possibilitou ataques e lançamentos de tropas em locais onde o inimigo não esperava;
- da massa – pelo emprego da 2ª Bda Bld que, investindo sobre uma Divisão egípcia, logrou êxito e prosseguiu para realizar a junção com o batalhão pára-quedista.

Vistas pelo lado egípcio, as operações têm o seguinte aspecto: Nasser, que desde o dia 5 percebeu a ruína de seu plano, ordenou a 6 – muito tarde – um retraimento geral, o qual só efetuou-se a 7, durante o dia e sob os ataques da aviação israelense. Além disso, determinou, para o mesmo dia 7, um contra-ataque geral de suas unidades blindadas. Na realidade, os blindados egípcios procuraram, acima de tudo, abrir uma brecha de retraimento. Assim, atacaram os verdadeiros tanques colocados pelos israelenses no oásis de Nakhl e no desfiladeiro de Mitla, em combates sem coordenação, nos quais os

aviões e os carros de combate israelenses aproveitaram-se do terreno descoberto e destruíram a totalidade dos carros inimigos.

Vê-se, portanto, que os egípcios deixaram de aplicar, em situações decisivas, como a do retraimento diurno – quando o mais adequado seria o noturno, uma vez que não dispunham de superioridade aérea – e nos ataques a Nakhl e Mitla, os princípios da segurança e da massa, que seriam fundamentais para frustrar os israelenses em sua operação de cerco.

Por não se revestirem de importância maior quanto à aplicação dos princípios de guerra, deixam de ser abordadas as operações navais contra o Egito, e as terrestres, face aos Exércitos da Jordânia e da Síria.

Cumprе ainda salientar, que da análise das operações aéreas e terrestres no Sinai, não ficou plenamente evidenciada a obediência ao princípio da simplicidade pelos israelenses. Admitimos, todavia, que este deve ter sido um princípio que norteou completamente as operações de Israel, sem o qual não teriam sido conduzidas operações decisivas em todas as frentes.

CONCLUSÃO

Da análise das operações desenvolvidas durante a Guerra dos Seis Dias, verificamos que, embora qualquer conjunto de

princípios de guerra adotado por uma nação tenha aplicação através de todo o espectro da guerra, deve-se compreender que os princípios são interdependentes e inter-relacionados. Nenhum princípio isolado pode ser cegamente adotado e observado independente dos outros, não podendo nenhum deles assegurar a vitória na batalha sem o reforço dos demais.

Realmente, as forças militares de todos os países conduzem operações na base de conceitos operacionais que partem da combinação de princípios. Por exemplo, um conceito operacional oriundo de uma combinação de ofensiva, massa, surpresa e manobra, talvez sugira uma vultosa força militar, que utilize um amplo número de unidades blindadas que se deslocam com rapidez. O modo predominante de operação desta força visa a confundir, esmagar e destruir o inimigo, mediante a surpresa e a manobra.

Na Guerra dos Seis Dias, os israelenses atuaram com grande rapidez, graças ao emprego sistemático de forças mistas (blindadas e motorizadas) agindo em brigadas e dispondo de uma grande iniciativa. Puderam surpreender o inimigo, progredindo, tanto de dia quanto de noite, realizando o cerco e destruindo-o quase que completamente.

A defesa estática, para ser eficaz, requer uma potência de fogo e uma densidade de forças que é sempre impossível reali-

zar em toda a frente de um teatro de operações, como aconteceu nas duas guerras mundiais, porque os armamentos modernos se tornaram muito caros e, por isso, não podem ser suficientemente numerosos.

A batalha clássica atual só pode ser móvel e, por conseguinte, rapidamente decisiva, sobretudo se, como aconteceu aos árabes, nas diversas frentes, o inimigo tiver, relativamente, pouca profundidade e a maior densidade de meios bem avançados.

Naturalmente, a chave da mobilidade, criada pelo emprego de forças blindadas, motorizadas e aerotransportadas, reside na obtenção da superioridade aérea. A segurança gerada por essa superioridade enseja uma melhor obediência aos princípios da massa e, mesmo, da manobra.

É essencial que os praticantes da arte militar compreendam a interdependência dos princípios. A correta combinação de princípios, em conceitos operacionais adequados para vencer a batalha, é a essência da arte da guerra. Assim, os princípios da massa, economia de forças, manobra, segurança e surpresa podem auxiliar na análise da situação, bem como na formulação de linhas de ação. O princípio da simplicidade pode servir como fator de comparação de várias linhas de ação.

Indubitavelmente, algumas batalhas têm sido ganhas ou perdidas por aquilo que a análi-

se militar pode descrever como obediência ou desobediência aos princípios da guerra; mas, sem dúvida, não em todos os casos. Um exame mais acurado revelará, normalmente, poderosas razões materiais para a habilidade ou inabilidade de um comandante, ou de um exército, em obedecer aos princípios de guerra. Ainda que sejam válidos para a análise do curso de uma batalha ou mesmo de uma campanha, dificilmente são capazes de sistematizar os acontecimentos de toda uma guerra.

Na verdade, como proclamava Foch no início de um dos seus livros: "A guerra não se aprende por uma guerra, como se pensava antigamente; no campo de batalha não se estuda; aí se faz o que se pode para aplicar aquilo que se sabe e, em consequência, para aí se poder um pouco, é preciso saber muito e bem."

Nos dias de hoje, na guerra moderna — que em sua idealização pouco se afasta das guerras do século passado e anteriores — os princípios de guerra têm, como procuramos exemplificar com a Guerra dos Seis Dias, sua validade cada vez mais realçada.

Sua aplicabilidade sempre crescente, face à variedade de concepções tático-estratégicas utilizadas pelos exércitos contemporâneos, é um dos principais fatores de que o coman-

dante tático deve se valer para, no campo de batalha, "poder um pouco" e assegurar a conquista dos seus objetivos.

BIBLIOGRAFIA

1. BEAUMONT, Roger A. 1972. "Um Reexame dos Princípios de Guerra". In: *Military Review*, Dez 1972, 63-69. Fort Leavenworth, Kansas.
2. CLAUSEWITZ, Karl von. 1947. *Princípios de Guerra*. Trad. de Napoleão Nobre. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército.
3. FALCÃO FILHO, Arthur Mendes. 1974. "A Guerra dos Seis Dias". In: *Revista Militar Brasileira* 1 e 2, 37-89. Rio de Janeiro.
4. FLETCHER, J. 1970. "Informações: um princípio de guerra." In: *Military Review*, Ago 70, 52-57. Fort Leavenworth, Kansas.
5. IP100-5 — 1975. "Princípios de Guerra e Conceitos Operacionais". In: *Operações*, 5. 1-5.6 ECEME.
6. JOMINI, Antoine Henri. 1949. *A Arte da Guerra*. Trad. de Napoleão Nobre. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército.
7. KEEGAN, John D. 1961. "Os Princípios de Guerra". In: *Military Review*, Dez 61, 61-73. Fort Leavenworth, Kansas.
8. ME320-5 — 1981. Vocabulário da ECEME. Rio de Janeiro.
9. STARRY, Donn A. 1982. "Os Princípios de Guerra." In: *Military Review*, 2º Trim 1982, 16-26. Fort Leavenworth, Kansas.
10. SWAIN, Richard M. 1981. "Reativando os Princípios de Guerra". In: *Military Review*, 2º Trim 1981, 22-29. Fort Leavenworth, Kansas.
11. TZU, Sun 1983. *A Arte da Guerra*. Trad. de José Sanz. Rio de Janeiro. Editora Record.